

III Seminário SER AFRO

Discussões étnico-raciais em evidência

21 DE NOVEMBRO



EU NÃO SOU NEGRA: descolonizando a imagem corporal negra

TAINÁ SILVA SANTOS¹

ELIANE DE OLIVEIRA CARVALHO²

RESUMO: O artigo aborda como o racismo estrutural e a estética eurocêntrica influenciam a autopercepção de pessoas negras, impondo padrões de beleza que afastam essas pessoas de suas identidades. Com base em autores como Grada Kilomba (2020), Frantz Fanon (1967), Angela Davis (2016), Cida Bento (2022) Bell Hooks (2013) entre outros que dialogam sobre o tema. Defendemos que a reconstrução de uma memória positiva e a valorização da estética negra são fundamentais para romper com padrões opressivos, promover a autovalorização e fortalecer a identidade negra, resistindo ao projeto colonial e buscando igualdade étnico-racial.

Palavras-chave: Padrão de beleza; imagem corporal; negritude; corpos periféricos.

1. A CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA NEGRA

A formação da autoestima para pessoas negras é especialmente desafiadora em uma sociedade onde o poder e os padrões de beleza são centralizados na branquitude. Desenvolver uma visão positiva da estética afrodescendente e gostar de si mesmo em um país que incentiva o auto-ódio torna-se um desafio profundo.

Desde a infância, crianças negras muitas vezes aprendem a se ver de forma negativa, sendo marginalizadas e desvalorizadas. Esse obstáculo compromete a construção de uma memória que valorize a herança cultural negra, essencial para restaurar a autoestima e a representatividade. Como afirma Bento (2022, p. 39), “é pertinente a ideia de uma memória positiva e coletiva que atribua valores à ancestralidade negra”. Essa memória fortalece o orgulho em ser negro e motiva a luta por espaços e direitos na sociedade, colaborando para a desconstrução de

¹ Mestranda no PPGICH, UFFS-Campus Erechim/RS. Artigo elaborado para a disciplina de Seminários Avançados (Corpo: entre o social e o biológico). Bolsista do Programa Carrefour 2024. Contato: santos.taina@estudante.uffs.edu.br.

² Mestranda no PPGICH, UFFS-Campus Erechim/RS. Artigo elaborado para a disciplina de Seminários Avançados (Corpo: entre o social e o biológico). Bolsista do Programa Carrefour 2024.

III Seminário SER AFRO

Discussões étnico-raciais em evidência

21 DE NOVEMBRO



preconceitos e estereótipos raciais. No entanto, o corpo negro ainda é visto à margem da sociedade, enquanto o corpo branco é tratado como padrão privilegiado.

A exclusão social e a centralização da estética eurocêntrica perpetuam a desigualdade, relegando o corpo negro à periferia social. Como menciona Bento (2022, p. 28), “O discurso europeu sempre destacou o tom de pele como a base principal para distinguir status e valor”. Nesse contexto, a imagem corporal das pessoas negras é impactada profundamente por normas que priorizam a estética eurocêntrica, influenciando comportamentos e formas de autopercepção.

Para esta pesquisa, utilizamos uma análise de obras de autores como Grada Kilomba, Frantz Fanon, Angela Davis e Bell Hooks, que abordam a construção simbólica da negritude e o impacto do racismo estrutural na identidade das pessoas negras. A revisão bibliográfica inclui discussões sobre racismo, imagem corporal, estética eurocêntrica e resistência cultural negra.

Este artigo busca responder: como a imposição de um padrão único de beleza afeta a construção da autoimagem de pessoas negras, bem como o processo de reconhecimento e valorização de sua negritude?

2. IMAGEM CORPORAL E DESUMANIZAÇÃO DO CORPO NEGRO

A imagem corporal é moldada por experiências emocionais e influências do ambiente social, abrangendo como nos vemos e somos vistos (Barros, 2005). Para pessoas negras, a raça determina acesso e desumanização, o que contribui para a exclusão social e a perpetuação de desigualdades estéticas.

A dominação simbólica ocorre quando normas culturais perpetuam desigualdades, onde o corpo negro é excluído em um sistema que centraliza o corpo branco. Esse processo aliena pessoas negras de suas próprias imagens, resultando em sofrimento psicológico e marginalização (Fernandes; Barbosa, 2016). A supremacia branca condiciona as representações da negritude, reforçando estereótipos que moldam a autopercepção e o imaginário social sobre pessoas negras (Hooks, 2013).

III Seminário SER AFRO

Discussões étnico-raciais em evidência

21 DE NOVEMBRO



Grada Kilomba explora o conceito de “outridade”, mostrando como o corpo negro é desumanizado e posicionado como “Outro” no imaginário social. Angela Davis ressalta que o racismo estrutural define os negros como “propriedade”, desvalorizando suas identidades (Davis, 2016). Esse processo leva ao auto-ódio, onde pessoas negras são incentivadas a adotar padrões da branquitude, resultando em alienação e negação de suas identidades (Hooks, 2013).

A busca por um ideal de “corpo perfeito” frequentemente associado à branquitude representa uma tentativa de inclusão, mas resulta no distanciamento do indivíduo em relação a si e à sua comunidade (Fanon, 2008).

4. ANCESTRALIDADE, BELEZA E DESCONSTRUÇÃO

A pessoa negra se liberta ao se aceitar conforme sua própria subjetividade, reconhecendo que os espaços de beleza e privilégio não pertencem exclusivamente à branquitude. Essa construção da autoestima ocorre quando o corpo negro é visto como sujeito ativo e participante da sua própria história, não apenas como objeto de estereótipos. “Enquanto escrevo, eu me torno narradora e escritora da minha própria realidade” (Kilomba, 2020, p. 27).

A construção da memória coletiva e ancestral que exalta a negritude como parte importante da autoestima e identidade negra. Esse reconhecimento permite uma mudança nas normas historicamente construídas, promovendo a representatividade e atendendo à diversidade étnica e cultural, fortalecendo a identidade das pessoas negras em todas as suas dimensões.

REFERÊNCIAS

1. BARROS, D. D.: **Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, n. 2: p. 547-54, maio-ago. 2005.
2. BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das letras, 2022.
3. BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
4. FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

III Seminário SER AFRO

Discussões étnico-raciais em evidência

21 DE NOVEMBRO



5. FERNANDES, Luís; BARBOSA, Raquel. **A construção social dos corpos periféricos. Saúde e Sociedade**, [S.L.], v. 25, n. 1, p. 70-82, mar. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902016146173>.
6. JANELA da alma. Walter Carvalho e João Jardim. Associação Brasileira de Críticos de Cinema. Brasil/França. 2001. Documentário. 1 vídeo (73 min). Disponível em: https://youtu.be/_I9I7upG0DI?si=rmjhz-mJMeLLhFTX. Acesso em: 05 nov 2024.
7. HOOKS, Bell. A língua: **ensinando novos/novas palavras**. In: **HOOKS, Bell. Ensinando A Transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2013. Cap. 11. p. 223-234.
8. KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p
9. SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Descobrir o corpo: uma história sem fim. Educação e realidade**, Porto Alegre, v.25, p. 49-58, jul./dez, 2000.
10. **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico] / Angela Davis ; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016.